

TRÊS HISTÓRIAS DE PARENTESCO
(GERTRUDES GONÇALVES DE SOUZA FRANCO;
GUILHERME MONTEIRO JUNQUEIRA NETO; FLAVIO DE CARVALHO)

Marcelo Florence Lustosa

Resumo: *O artigo descreve três histórias reais nas quais as relações de parentesco tiveram conseqüências inusitadas.*

Abstract: *The article describes three real stories in which kinship relationships had unexpected consequences.*

As situações de parentesco exercem marcante influência nas relações sociais e na vida cotidiana das pessoas. No Direito Civil, todo um ramo é dedicado ao Direito de Família e outro ao Direito das Sucessões, fundado este último inteiramente nas relações de parentesco. Neste trabalho serão apresentadas duas situações inusitadas em relações de descendência e de ascendência e um caso raro de sucessão “causa mortis”.

**Gertrudes Gonçalves de Souza Franco -
dezenove trinetos e dois tetranetos**

O jornal “O Estado de S. Paulo” publicou, no dia 26 de fevereiro de 1980, na seção de Necrologia, a notícia do falecimento, em Atibaia, no dia 22 do mesmo mês, aos 100 anos de idade, de D. Gertrudes Gonçalves de Souza Franco (Dna. Tudinha), pertencente a tradicional família paulista. De acordo com a notícia, ela teria deixado 7 filhos, 28 netos, 48 bisnetos, 19 “tataranetos” e 2 “pentanetos”.

Tudo indica tratar-se de um equívoco por parte da pessoa que promoveu a publicação. Assim, onde está escrito “pentanetos”, deve-se ler “tetranetos”. A alternativa seria admitir tetraneto(s) pré-morto(s), pai (s) ou mãe(s) dos pentanetos, o que parece extremamente improvável.

Três histórias de parentesco

De toda sorte, a existência, em vida da matriarca, de descendentes até a quinta geração (tetraneos) pode ser considerado fato muito raro.

Pressupõe, em cada elo da corrente, a media de vinte anos de idade para o pai ou a mãe por ocasião do nascimento do filho.

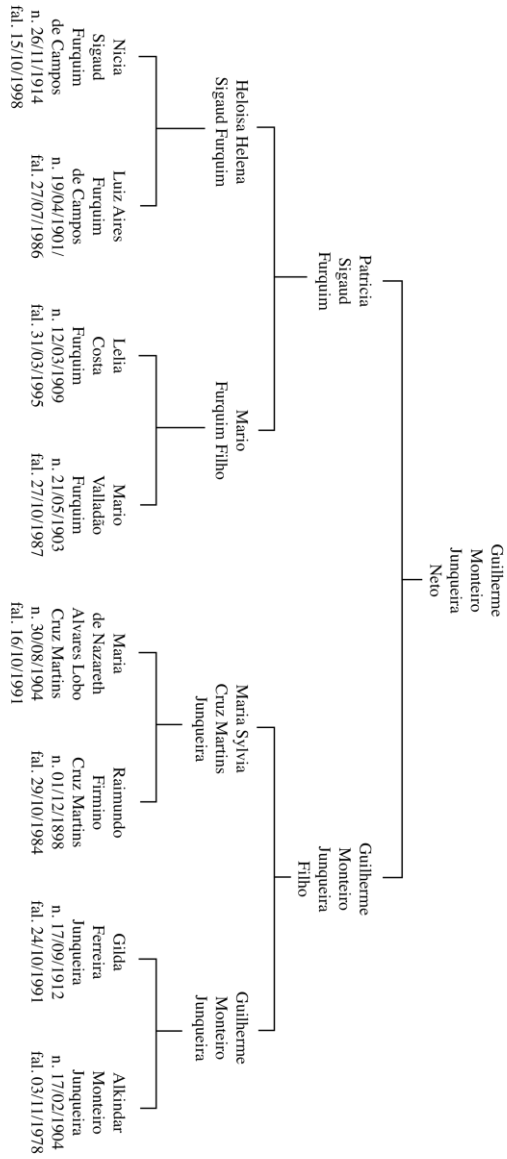
A revista Veja, de 12 de maio de 2010, publicou, no suplemento Veja São Paulo, a propósito do dia das mães, entrevista com 7 mulheres entre 99 e 104 anos. Dessas, 5 tem bisnetos. Nenhuma trineto.

26 DE FEVEREIRO DE 1980

Falecimentos

D. GERTRUDES GONÇALES DE SOUZA FRANCO — Faleceu no dia 22 p. último, em Atibaia, aos 100 anos, d. Gertrudes Gonçalves de Souza Franco (Dna. Tudinha), pertencente à tradicional família paulista. Foi casada em primeiras núpcias com o sr. João Mathias de Oliveira e, em segundas, com o cap. Antonio Mathias Franco. Deixa os filhos d. Domitilla de Souza Barros, viúva do sr. Sebastião Almeida Barros; João Mathias de Oliveira, falecido, que foi casado com d. Francisca de Oliveira; dr. Euclides Souza Mathias, casado com d. Neuza Mathias; d. Anésia Mathias Goulart, viúva do dr. Flavio Goulart; d. Ana Mathias Vairo (Ninica), viúva de sr. Pompeu Vairo; d. Donilla Mathias de Siqueira, viúva do sr. Tarcisio Alves de Siqueira; d. Alayde Mathias Ferreira, viúva do dr. Joaquim Zeferino Ferreira; Caio Mathias Franco, casado em primeiras núpcias com d. Matilde Costa Franco e, em segundas com d. Conceição Cunha Franco; d. Verá Mathias Franco de Guimarães, viúva do dr. João Maurício de Moraes Guimarães. Deixa ainda 28 netos, 48 bisnetos, 19 tataranetos e 2 pentanetos. O enterro realizou-se no cemitério local.

Notícia de jornal do falecimento de dona Tudinha



**Táboa de Costado
de Guilherme Monteiro Junqueira Neto
n. 13/03/1981**

Guilherme Monteiro Junqueira Neto – sete bisavós



Batismo: da esquerda para a direita:
Lelia Costa Furquim; Mario Valladão Furquim; Nícia Sigaud Furquim de Campos; Luiz Aires Furquim de Campos; Gilda Ferreira Junqueira; Raimundo Firmino Cruz Martins; Maria de Nazareth Alvares Lobo Cruz Martins

Guilherme Monteiro Junqueira Neto nasceu em São Paulo, em 13 de Março de 1981. É filho de Guilherme Monteiro Junqueira Filho e Patrícia Sigaud Furquim. Seus avós paternos são Guilherme Monteiro Junqueira e Maria Sylvia Cruz Martins Junqueira e os maternos Mario Furquim Filho e Heloisa Helena Sigaud Furquim.

Ao nascer, Guilherme tinha 7 (sete) bisavós vivos, o que não é comum. Conviveu com todos eles e já contava 17 (dezesete) anos quando faleceu a última, Nícia Sigaud Furquim de Campos.

Entre os bisavós algumas coincidências interessantes podem ser apontadas.

Em primeiro lugar há o parentesco entre Luis Aires Furquim de Campos e Mario Valladão Furquim.

Ambos descendem de Estanislau Furquim Pedroso, casado em 1724 com Anna de Campos. (S.L. vol. 6, pág. 260). Mario descende do filho Caetano Furquim de Campos e Luis do filho Cláudio Furquim de Campos.

Além disso, dois bisavós, Mario Valladão Furquim e Alkindar Monteiro Junqueira formaram-se em medicina na mesma turma de 1926 da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (Praia Vermelha).

Finalmente, Alkindar Junqueira e Raimundo Firmino Cruz Martins ocuparam o cargo de Secretário da Agricultura do estado de São Paulo, o primeiro no Governo Ademar de Barros, em 1947 e o segundo no Governo Janio Quadros, em 1955.

Flavio de Carvalho – Tio herda de sobrinho



Flavio na rua com traje *New Look*. São Paulo, 1956

Arquiteto e artista plástico, Flavio de Carvalho foi uma das personalidades mais interessantes que viveram em São Paulo entre as décadas de 1930 e 1970.

Flavio de Carvalho nasceu em 10 de agosto de 1899, na cidade de Amparo da Barra Mansa, no estado do Rio de Janeiro. Era filho de Raul de Rezende Carvalho e Ophélia Crissiuma de Carvalho. Em 1900 a família mudou-se para São Paulo.

Três histórias de parentesco

Após três anos de estudos na Escola Americana de São Paulo, seus pais decidiram enviá-lo para a Europa, onde Flavio estudou no Lycée Janson de Saily, em Paris, no Clapham College de Londres e na escola Jesuíta Stonyhurst College, situada em um antigo castelo na Inglaterra.

Em 1918 inicia o curso de engenharia em Newcastle, na Universidade de Durham. Ao mesmo tempo matricula-se em curso noturno de artes na King Edward VII School of Fine Arts. Em 1922 conclui sua graduação em engenharia e volta a São Paulo logo depois da Semana de Arte Moderna.

UMA EXPERIÊNCIA SOBRE A PSICOLOGIA DAS MULTIDÕES DA QUAL RESULTOU SÉRIO DISTÚRBO

Domingo, às 15 horas quando desfilava pelas ruas do centro da cidade, a procissão de "Corpus Christi", um rapaz muito bem posto, que se achava na esquina da rua Direita e praça do Patriarca, não se descobriu, conservando ostensivamente seu chapéu na cabeça.

Os crentes, que acompanhavam o cortejo, revoltaram-se com essa atitude e exigiram em altos brados que ele se descobrisse. Ele, no entanto, sorrindo para a turba, não tirou o chapéu, embora o clamor da multidão já se tivesse transformado em franca ameaça. Foi então que inúmeros populares tentaram linchá-lo investindo contra ele. O rapaz pôs-se em fuga, ocultando-se na leiteria Campo Belo, situada à rua de São Bento, até onde foi perseguido pelos mais exaltados.

O subdelegado de plantão na polícia Central compareceu ao local, onde deu garantias ao moço, protegendo-o contra a ira do povo.

Na polícia Central, para onde foi conduzido, declarou a vítima da exaltação popular, ser o Engenheiro Flavio de Carvalho, de 31 anos de idade, residente à praça Oswaldo Cruz, 1.

Nas suas declarações, disse que, há tempos, se vem dedicando a estudos sobre a psicologia das multidões e tem mesmo alguns trabalhos inéditos sobre a matéria. Para melhor orientação dos seus estudos, resolvera fazer uma experiência sobre a "capacidade agressiva de uma massa religiosa à resistência da força das leis civis, ou determinar se a força da crença é maior do que a força da lei e do respeito à vida humana".

Com esse intuito se postou no ponto citado e quando passava a procissão de "Corpus Christi" não se descobriu, sendo quase linchado pelos crentes revoltados com essa sua atitude.

Terminou suas declarações dizendo que não visava ofender a religião do povo, pois esperava de fato que se verificasse tal rea....

"O ESTADO DE SÃO PAULO"
9 de junho de 1931

Notícia de jornal sobre a "Experiência no 2º" – Procissão de Corpus Christi.

Em São Paulo, Flavio exerceu intensa atividade no terreno das artes plásticas e dos movimentos de vanguarda.

Algumas atividades de Flavio de Carvalho tiveram grande repercussão junto à opinião pública e não apenas às pessoas ligadas ao mundo da arte.

Em 1931, no dia de Corpus Christi, realizou a famosa “Experiência nº 2”. Quando passava a procissão, Flavio caminhou em sentido contrário ao préstito conservando ostensivamente um boné na cabeça.

Revoltados com a sua atitude, os fiéis tentaram linchá-lo e ele teve de refugiar-se na Leiteria Campo Belo, na rua de São Bento.

Em 1956, depois de publicar uma série de artigos sobre moda na sua coluna do Diário de São Paulo “A moda e o novo homem”, Flavio realiza passeata pelo centro de São Paulo vestindo traje de verão masculino com saia, que causa escândalo. (“New Look”).

Para se aferir da importância de Flavio de Carvalho como artista plástico basta mencionar que este ano estão programadas três exposições alusivas a ele. A 29ª Bienal de São Paulo, em setembro, coordenada por Moacir dos Anjos, terá Flavio de Carvalho e a Experiência nº 2 como uma das âncoras principais para tratar do tema Arte e Política. O Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM) vai dedicar a Flavio de Carvalho uma retrospectiva entre 15 de abril e 13 de junho. Felipe Chaimovich, curador do Museu, convidou Rui Moreira Leite para conceber a retrospectiva.

Finalmente, a partir de 4 de maio no Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofía, na Espanha, ocorrerá a mostra “La Deriva es Nuestra”, coletiva com curadoria de Lisette Lagnado, que tem Flavio de Carvalho como ponto de partida, principalmente sua relação com arquitetura e urbanidade.

Ainda para este ano a editora Cosac Naify planeja a edição do livro “Dialética da Moda”, com os artigos que Flavio publicou em 1956 no Diário de São Paulo.

Flavio de Carvalho faleceu no dia 4 de junho de 1973, solteiro, sem descendentes nem ascendentes e sem deixar testamento. Também não deixou irmãos nem sobrinhos.

À época, vigorava o antigo Código Civil (Lei nº 3071, de 1º-1-1916 – Código Clovis Bevilacqua).

Dispunha o artigo 1603 daquele Código que na ausência de descendentes, ascendentes ou cônjuge sobrevivente, a sucessão legítima deferia-se aos colaterais.

Três histórias de parentesco

No concernente aos colaterais aplicava-se ao caso em exame o disposto no artigo 1613, verbis:

“1613. Na classe dos colaterais, os mais próximos excluem os mais remotos, salvo o direito de representação concedido aos filhos de irmãos”.

Ao falecer, Flavio de Carvalho tinha um único tio, Custodio Ribeiro de Carvalho (o 2º do nome), meio-irmão de seu pai, Raul de Rezende Carvalho. Pelo princípio do artigo 1613 acima transcrito, Custodio seria, como foi, o herdeiro universal de Flavio, mesmo que houvesse primos filhos de tios já falecidos.

Custódio Ribeiro de Carvalho nasceu em Amparo da Barra Mansa em 22-11-1903 e faleceu em Campinas em 04-12-1982. Era médico, formado em 1926 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (Praia Vermelha).

Ressalte-se que o Direito das Sucessões não sofreu alteração no concernente a essa matéria com o advento do novo Código Civil (Lei nº 10.406, de 10-01-2002 – Código Miguel Reale, artigo 1840).

Portanto, Custódio Ribeiro de Carvalho, tio e herdeiro de Flavio de Carvalho, era 4 anos mais novo do que o seu sobrinho.

Lembro-me que na época comentei este caso com o saudoso Professor Washington de Barros Monteiro, ex desembargador e professor catedrático de Direito Civil da Universidade de São Paulo.

Aquele ilustre mestre confirmou a correção do critério adotado para a atribuição da herança, mas comentou ser este o primeiro caso de que tivera conhecimento.

Raul de Rezende Carvalho (pai de Flavio de Carvalho) era filho do 1º casamento de Custódio Ribeiro de Carvalho (o primeiro do nome) com Francisca Teodora de Rezende. Custódio Ribeiro de Carvalho (o segundo do nome – tio e herdeiro de Flavio de Carvalho) era filho do 2º casamento de Custódio Ribeiro de Carvalho (o primeiro do nome) com Maria Ribeiro da Fonseca.

Custódio Ribeiro de Carvalho (o primeiro do nome) era filho de João Gualberto de Carvalho, bat em 1797, fal. em 22-02-1869, em São Miguel do Cajurú (Arcangelo), agraciado em 30-06-1860 com o título de 1º Barão do Cajurú, c.c. Ana Inácia Ribeiro do Vale.

João Gualberto de Carvalho, 1º Barão do Cajurú, bisavô de Flavio de Carvalho, era, por sua vez, bisneto de Antonia da Graça, uma das “Três Ilhoas” e de seu marido Manoel Gonçalves da Fonseca.

Conheci Flavio de Carvalho, Custódio Ribeiro de Carvalho (o 2º do nome) e a família deste, devido a laços de família, pois meu pai, Ciro de Carvalho Lustosa, também era bisneto do Barão de Cajurú. Sua avó materna Guilher-

mina Candida da Conceição, filha do barão, era casada com o Dr. Eduardo Ernesto Pereira da Silva, Barão de São João Del Rei (Decreto de 13-XI-1871).

Nosso confrade José Eduardo de Carvalho Campos descende duas vezes do Barão de Cajuru. É trineto da filha Maria Brasilina da Conceição, casada com Manuel Teodoro Pereira e tetraneto da filha Libania Jesuína da Conceição casada com Antonio Belfort Ribeiro de Arantes, Visconde de Arantes (Decreto de 18-VII-1888).

Fontes Consultadas

Jornal “O Estado de São Paulo” de 26 de fevereiro de 1980 – notícia do falecimento de D. Gertrudes Gonçalves de Souza Franco.

Silva Leme, Luiz Gonzaga da, “Genealogia Paulistana, “ Dupra & Comp.”, 1905, vol.6, pág. 260, Títulos Furquim.

Jornal “O Globo” de 5 de junho de 1973 – notícia do falecimento de Flavio de Carvalho.

Osório, Luiz Camilo – Flavio de Carvalho, Cosac e Naify Edições, 2000.

Carvalho, Flavio de – Experiência nº 2 – Nau Editora, Rio de Janeiro, 2001.

Molina, Camila – matéria publicada no Caderno 2, pág. 10 “Experimentando Carvalho” sobre eventos programados para 2010 relacionados a Flavio de Carvalho – Jornal O Estado de São Paulo.

Código Civil Comparado (Lei nº 3071, de 1º-1-1916 x Lei nº 10.406 de 10-1-2002), Editora Saraiva.

Guimarães, José : As Três Ilhoas, vol. 1, contendo a descendência de Antonia da Graça.

Mendonça, Luiz Carlos Sampaio de, carta de 8 de outubro de 1976 transmitindo relação dos filhos do Barão de Cajurú, bisavô de Flavio de Carvalho.

Carvalho Neto, Fernando: Os Nobres do Brasil, 2ª edição, 1990.

Mario Valladão Furquim e Lelita Furquim – De Estevão a Raul e a Chácara.

Carvalho, Custodio Ribeiro de: Antônio Peão – Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1956.